



Caso de  
sexo em  
praia de  
Paredes  
de Coura

PJ  
investiga  
caso de  
casal que  
praticou

Rússia  
será  
expulsa  
do Euro  
2016 se

A cozinha  
do Pingo  
Doce é  
um  
barómetro da economia



OPINIÃO

## Quem são os estivadores?

RAQUEL VARELA 08/06/2016 - 07:30

**A greve não derrotou a lei dos portos. Mas mostrou uma outra forma de organização, recuperada do passado.**

Em 1889, Engels, depois da greve vitoriosa dos estivadores de Londres, comenta com dois dos fundadores históricos da social-democracia, Kautsky e Bernstein: “É o maior evento que aconteceu em Inglaterra desde as Leis da Reforma.” Porque se os mais desorganizados e “desmoralizados trabalhadores do mundo” se organizaram “é porque não devemos desesperar com nenhum sector da classe operária”.

O Sindicato dos Estivadores de Lisboa protagonizou o mais importante conflito laboral depois da crise de 2008, com um efeito de arrastamento para outros sectores sindicais. Apesar disso os *media* acompanham de forma sofrível os acontecimentos. Por exemplo, há duas décadas que os estivadores não controlam a empresa de trabalho portuário, empresa privada que faz a gestão da força de trabalho no Porto; os estivadores não sabem o que está dentro de um contentor que carregam – sabem-no os operadores privados. Se durante a greve chegaram à Madeira automóveis em vez de medicamentos – e com o dinheiro dos nossos impostos foram levados medicamentos por avião –, é aos privados que o determinaram que deve ser perguntado porquê. E os salários? Um estivador que tenha trabalhado 16 horas por dia todos os dias (como há e é usual!) chega ao final do mês e ganha 2000 euros líquidos. Ou seja, trabalhou dois meses num. Há estivadores eventuais no porto a ganhar 188 euros por mês, 300, 700 euros.

A greve iniciou-se no dia 20 de Abril de 2016 contra a lei dos portos, que abre as portas à precarização do trabalho, rebaixando, pela ameaça do não trabalho (desemprego) o valor salarial para em média 1/3. Terminou com um acordo, a 27 de Maio de 2016. Desse acordo resulta a celebração de um novo contrato colectivo de trabalho (CCT) que deveria ser concluído no prazo de 15 dias. Esse CCT incluirá obrigatoriamente cláusulas que implicam a desactivação da Porlis, empresa de trabalho portuário que recorre a trabalho precário e mal

pago, sem os direitos laborais padrão, criada para concorrer com a AETPL, que emprega estivadores profissionais com direitos. Quase 70 trabalhadores precários serão gradualmente integrados como trabalhadores com contratos sem termo no prazo de dois anos, incluindo os actuais trabalhadores da Porlis. A Porlis – empresa de trabalho barato – é detida por 4 dos 7 sócios que detêm a empresa de trabalho com direitos. O modelo é para ser aplicado noutros sectores do mercado laboral? É este o milagre da “saída da crise” - uma sociedade que nem o trabalho com direitos assegura (que nas nossas sociedades é o direito à vida) e se orgulha de crescer à conta de esquemas destes e salários chineses?

Em contrapartida o Sindicato dos Estivadores aceitou a criação de dois novos níveis salariais. O salário base, subsídio de turno incluído, passa assim a ser de 850 euros, com progressão automática, ao fim de quatro anos de contrato sem termo, para os 1046,72 €. A partir daí, e aqui está um retrocesso (já conhecido noutras empresas onde os mais novos estão “congelados”), para os dois níveis salariais seguintes a progressão na carreira passa a fazer-se com base no “mérito”, através da avaliação de desempenho (que, como sabem os Portugueses de um “saber só de experiência feito”, é um instrumento não para promover o mérito, mas para congelar ou rebaixar salários e premiar comportamentos mais dóceis).

O silêncio do Governo foi exemplar. Não criticou os salários em atraso, não se opôs ao despedimento durante a greve (Quem é o juiz que decreta legal um despedimento colectivo durante e por causa de uma greve?), e ficou a ver uma empresa paralela que decreta a morte da empresa do lado, detida pelos mesmos sócios. Ameaçou com requisição civil. Actuou quando o conflito ameaçava estender-se a outros sectores, tornando-se um “mau exemplo” para um sindicalismo fortemente burocratizado que está hoje a ser contestado (queda abrupta da sindicalização, divisão de sindicatos tradicionais). E aqui merece o paralelo com a descrição de Engels no final do século XIX. Os estivadores não são já o “refúgio do proletariado”, como eram descritos no século XIX, mas, paradoxalmente, a sua porcelana. A razão, ao contrário do que se avança, não é serem poucos – 320 em Lisboa – ou apelarem à unidade, ou serem “amigos” ou “família”, mitos que ganham espaço num país em que se debate afectos em vez de políticas, mas a forma como se organizam. É relativamente fácil de explicar. Os estivadores reúnem-se em plenário para convocar e debater as greves e formas de luta, o sindicato não aprova nada que não seja definido por todos em plenário. Este não serve para plebiscitar a direcção mas para debater e votar de braço no ar as decisões todas. Têm uma estratégia de combate que não tem qualquer aliança partidária – travam lutas independentemente do Governo em funções. Têm um sindicato internacional que faz greves de solidariedade – em tempos de globalização e produção em cadeia, o seu impacto é enorme. E, fundamental, o fundo de solidariedade. Como conseguiram os estivadores fixos impedir os quase 70 precários de

trabalhar para a empresa paralela, furar a greve, se estes são precários e dependem do trabalho para sobreviver? Usando o fundo de solidariedade para os ajudar. E o fundo de greve para ajudar quem necessite na greve. Não inventaram nada agora, inventaram-no os seus antepassados em Londres e em Lisboa na viragem do século XIX para o XX – sindicalismo democrático, fundos de greve, e sindicalismo independente dos governos.

[◀ Anterior](#)
[Página 1 de 2](#)
[Seguinte ▶](#)
[Texto completo](#)

## COMENTÁRIOS



**Aires Esteves**

Técnico de Vendas , Lisbon, Portugal - Viseu

10/06/2016 00:43

Não quero, nem vou comentar o texto da historiadora Raquel Varela, até porque merece o meu total apoio. Hoje é me difícil ouvir pessoas, que defendam os operários e demais trabalhadores. Tem existido nos últimos governos e no actual políticas neoliberais para não dizer a roçar o fascismo. Que muitos ditos socialistas e social-democratas não querem, nem ouvir falar e discutir, o que é o neoliberalismo!



**pollysmfreire**

09/06/2016 20:41

Os media acompanham de forma sofrida estes acontecimentos. Afirma. Este jornal é um bom exemplo. Felizmente aparece a intervenção desta senhora aqui publicada. Acusaram a greve de impedir a chegada de medicamentos à Madeira, causando carências que não são aceitáveis. Agradeço especialmente o apontamento em relação aos boatos da praxe. "Se durante a greve chegaram à Madeira automóveis em vez de medicamentos – e com o dinheiro dos nossos impostos foram levados medicamentos por avião –, é aos privados que o determinaram que deve ser perguntado porquê". Excelente!



**jmbmarte**

09/06/2016 14:05

O anjinho engels poderia ter comentado para o Kautskein que o destino histórico mundial do partido comunista seria, um dia, ao assumir, ele, o protagonismo do capitalismo globalizado planetário, pagar 'salários chineses'. Tem a certeza de que não são 'salários thatcherianos, ianques, japoneses'? Mas não há quem adore mais uma contradiçãozinha, para dar largas à sua euforia dialéctica, do que uma comunista peso-pluma. Eu dantes chamava, aos 'salários chineses', salários soviéticos. Mas essa mistura de exotismo, tardo-engelsismo. uma pitada de xenofobia para com 'os chinocas', e toda uma baralhada do capital e do trabalho nessa apertada estiva mental que vai dentro dessa linda cabecinha - dá um espectáculo citacional divertidíssimo, como de quem sabe o que vai dentro dos contentores.



### Maronês

Comecei a ler o artigo pensando que ia ver explicado o que o título sugeria, afinal o texto não passa de um exercício demagógico. Lamentável o desfiar de ideias anacrónicas.

08/06/2016 17:45



### Epicuro Samos

- Sámos, Samos, Greece

"viver com dignidade do trabalho" é o mito usado para manter o regime feirante. A feira (chamada "mercado" pelos analfabetos) é um regime anti político imposto através dos subescravos (trabalhadores - uma invenção do século III quando o escravo perdeu o direito à subsistência assegurada). A esquerda é a tal que apela ao mantimento da condição de subescravo, ao invés de exigir a sua abolição. A esquerda copia a retórica, de submissão da população, que inventou uma dignidade para uma existência miserável ao acaso das vontades dos feirantes. Que dignidade tem um servo de feirante? Um humano não é um animal domesticado para servir feirantes. A condição de trabalhador é inadmissível, a abolição da obrigatoriedade de servir feirantes é um direito, tal como o fim do regime feirante.

08/06/2016 15:15



### Jorge Cunha

Os estivadores carregam com os contentores? No tempo de Engels talvez fosse assim...

08/06/2016 14:12



### Jose

Cuide de saber o conteúdo do trabalho dos estivadores, na atualidade, e verá que não é para qualquer um nos diferentes planos: organização das equipas, planeamento das ações, planeamento dos turnos, modos operatórios, segurança das operações para pessoas e bens, cumprimento de tarefa em tempo, etc

08/06/2016 16:01



### Jorge Cunha

Sr. José: muito obrigado pelo seu esclarecimento. Realmente, com o perfil que descreve, só pessoas com um doutoramento em gestão de empresas ou organização do trabalho poderão desempenhar as complexas funções de estivador no mundo actual (no porto de Lisboa). E isso justifica plenamente os elevados salários e outras eventuais mordomias...

08/06/2016 23:58

